

Notandum, ano XXVI, 2023
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

**NO PÚLPITO E NO TERREIRO: AS CONTROVÉRSIAS EM TORNO
DAS LIDERANÇAS POLÍTICAS E RELIGIOSAS EM SÃO GONÇALO
(RJ)**

**AT THE PULPIT AND ON THE GROUND: THE CONTROVERSIES
SURROUNDING POLITICAL AND RELIGIOUS LEADERS IN SÃO
GONÇALO (RJ)**

**EN EL PÚLPITO Y EN EL TERRENO: LAS POLÉMICAS EN TORNO
A LOS LÍDERES POLÍTICO Y RELIGIOSOS EN SÃO GONÇALO (RJ)**

Jorge Amilcar de Castro Santana

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail: jorgesantana_sg@yahoo.com.br

Camilla Fogaça Aguiar

Doutoranda em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Financiamento FAPERJ. E-mail: camillafogaca.pesq@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi61.69753>

Recebido em 25/09/2023

Aceito em 06/11/2023

Notandum, ano XXVI, 2023

CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Resumo

A proposta deste artigo é analisar o importante destaque político-religioso angariados por duas mulheres atuantes no município de São Gonçalo (RJ): A evangélica e ex-prefeita Aparecida Panisset (2005-2012) e a liderança de terreiro da cidade, Márcia D'Oxum. Observamos que, diante do cenário de crescimento evangélico pentecostal no espaço público da cidade, ambas as personagens protagonizaram diversos conflitos políticos e religiosos do município, no início dos anos 2000, mas suas ações não estão livres de “controvérsias” e certas aproximações.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Religiões Afro. Gênero.

Abstract

This article analyzes the importance of two women politics and religious in the city of the São Gonçalo (RJ): The protestant and ex-mayor Aparecida Panisset (2005-2012) and the leader of the terreiro of the city, Márcia D'Oxum. We observe the increase of the pentecostal evangelicals in public space of the city, and both led various political and religious conflicts in the city since the early 2000, but their actions are not free from “controversies” and certain approximations.

Keywords: Pentecostalism. Afro religions. Gender.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar el importante protagonismo político-religioso alcanzado por dos mujeres que trabajan en el municipio de São Gonçalo (RJ): la evangélica y exalcaldesa Aparecida Panisset (2005-2012) y la líder del terreiro de la ciudad, Márcia D'Oxum. Observamos que, ante el escenario de crecimiento evangélico pentecostal en el espacio público de la ciudad, ambos personajes fueron protagonistas de varios conflictos políticos y religiosos en el municipio a principios de los años 2000, pero sus acciones no están exentas de “controversias” y ciertas aproximaciones.

Palabras clave: Pentecostalismo. Religiones afro. Género.

Introdução

Este artigo¹ tem por intuito analisar o importante destaque político-religioso angariados por duas mulheres atuantes no município de São Gonçalo (RJ): A evangélica e ex-prefeita Aparecida Panisset (2005-2012) e a liderança de terreiro da cidade, Márcia D'Oxum². Ao se apresentar como “casada com Deus” e a “escolhida por Deus para liderar o povo evangélico de São Gonçalo”, Aparecida evidencia que, nem sempre a mulher, ao ocupar cargo político, vai representar a defesa de direitos femininos e buscar por autonomia frente a figuras masculinas, como de pastores. Já as ações de Marcia D'Oxum destacam que, mesmo tendo sua imagem apresentada como a “mãe” de uma família carnal e espiritual, ou seja, aquela que vai prover e proteger o povo de axé, não está livre de produzir hierarquizações e conflitos entre os seus aliados na luta contra as ações intolerantes da prefeitura.

¹ Esta produção é parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ, projeto: "União e Retórica Racial: Estratégias de Sobrevivência das Lideranças Afro-brasileiras em São Gonçalo", financiamento FAPERJ, 2020.

² As observações e entrevistas realizadas com Mãe Marcia D'Oxum ocorreram nos anos de 2008 até 2018, e integram as análises de campo da dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ, defendida em 2018 (AGUIAR, 2018).

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Assim, nossa hipótese é a de que tanto Aparecida quanto Marcia D'Oxum ocupam lugares de destaque na política e nos conflitos religiosos do município, mas suas ações não estão livres de “controvérsias” (MONTERO, 2012). Utilizamos o conceito de “controvérsias” a fim de analisar os discursos políticos e religiosos de ambas as protagonistas na busca por legitimidade na esfera pública da cidade, tendo em comum as suas colocações enquanto figuras femininas de destaque nas suas respectivas religiosidades. Entendemos as “controvérsias” como diferentes argumentos ou orientações desenvolvidos pelos sujeitos em observação sobre um mesmo tema, assim como um instrumento de investigação capaz de mapear e compreender as dinâmicas discursivas desses sujeitos (MIRANDA; BONIOLO, 2017).

Faremos uso de “racismo religioso” enquanto categoria de análise sobre as disputas religiosas no espaço público de São Gonçalo, uma vez que, a “intolerância religiosa” destinada aos terreiros tem no racismo a sua força motriz. Assim, o racismo é entendido como o conjunto das ações discriminatórias contra o povo de axé que não são motivadas apenas pelo caráter religioso, pois também correspondem a uma dinâmica civilizatória repleta de valores, saberes, cosmogonias, ou seja, modos de viver e existir negro-africano presentes no cerne da cultura dos terreiros (CAMURÇA e RODRIGUES, 2022, p. 10; ORO, 1997; SANGENIS e COSTA, 2021; SIQUEIRA, 2006).

Utilizamos para levantamento das observações e problematizações de análise a metodologia interdisciplinar que conjuga ferramentas analíticas da História, com ferramentas analíticas da Sociologia e da Antropologia. No primeiro campo científico, a História do Tempo Presente se fez útil pois possibilita ao historiador analisar eventos históricos, personagens históricos e fontes históricas, com métodos, ferramentas e recursos para o pesquisador se debruçar sobre seu próprio tempo “passado-presente” (FERREIRA, 2000). Dessa maneira, somos contemporâneos das duas personagens as quais analisamos seus agenciamentos políticos e religiosos na cidade de São Gonçalo

A Antropologia contribui através do método etnográfico, usando o recurso da observação participante como estratégia de coleta de dados e informações (MAGNANI, 2009). Em especial, para acompanhar desde 2019 a ialorixá Mãe Marcia de D'Oxum. O acompanhamento etnográfico da liderança religiosa em eventos, festas e seminários e também foi realizada uma entrevista em 2022. A trajetória de Mãe Márcia também tem sido acompanhada por meio de redes sociais, jornais e demais veículos de comunicação, onde suas ações são expostas e divulgadas.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

A trajetória da ex-prefeita de São Gonçalo, quando foi vereadora, deputada estadual e prefeita foram analisadas de forma clássica a partir de jornais, documentos e demais fontes históricas e como também por uma bibliografia sobre suas realizações e ações no âmbito político e religioso. Mas Aparecida Panisset também é analisada na atualidade, uma vez que, mesmo não ocupando um cargo eletivo atualmente, ela continua como personagem importante e ativa na política gonçalense como também em âmbito religioso.

A Sociologia contribuiu para análise de dados, censos e estatísticas quantitativos (KERLLINGER, 1980) nos aspectos econômicas, sociais, religiosos e demográficos da cidade de São Gonçalo no passado e na atualidade. Permitindo analisar as transformações e mudanças da cidade ao longo do tempo. A análise da trajetória das duas personagens centrais dos movimentos políticos e religiosos na cidade de São Gonçalo por meio da conjugação de diferentes campos científicos nas últimas duas décadas forneceu um material conciso para analisar as duas lideranças femininas político-religiosas.

Observamos que, diante do cenário de crescimento evangélico pentecostal no espaço público da cidade, ambas as personagens protagonizaram diversos conflitos políticos e religiosos do município no início dos anos 2000. As observações suscitadas nesta pesquisa partem de um contexto municipal marcado pelo crescimento do pentecostalismo³ e suas influências na esfera pública da cidade, onde os cargos políticos eleitos são, quase que majoritariamente, ocupados por candidatos homens.

Apresentando o Campo Político-Religioso de São Gonçalo

O município de São Gonçalo integra a região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, ocupando a 18ª colocação entre as cidades mais populosas do Brasil e corresponde ao segundo maior colégio eleitoral do Estado (IBGE, 2022). A região é marcada por uma intensa desigualdade socioespacial, sérios problemas de infraestrutura e mobilidade urbana, falta de equipamentos coletivos, baixo desenvolvimento econômico e altos índices de violência. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Gonçalo é a quarta cidade do Brasil

³ O pentecostalismo é uma variação do protestantismo histórico, sua peculiaridade está em pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e em defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos e a expulsão de demônios. Temos como exemplo de denominações pentecostais: Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus É Amor, Casa da Bênção e outras (MARIANO, 2004).

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

com o maior índice de negros mortos pela polícia (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2021).

De acordo com os dados do IBGE (2010), no início do século XXI, o município recebe destaque quando analisamos o quantitativo de residentes que se declaram evangélicos pentecostais (155.767 pessoas). Em escala regional, entre as cidades metropolitanas do Rio de Janeiro, São Gonçalo ocupa a quarta posição no número de fiéis da Assembleia de Deus (78.722). É o terceiro município em número de declarantes da Igreja Universal do Reino de Deus (17.814) e se encontra em segundo lugar no quantitativo de fiéis de “outras pentecostais” (38.862). A maciça presença dessas denominações religiosas aumenta significativamente as suas influências no cotidiano e na arena política do município (AGUIAR, 2022; MACHADO, 2006). No entanto, é a forte presença cristã católica no espaço público que marca a história do município.

O nome da cidade já demonstra ligação com a primeira capela⁴ construída na região. No período das Sesmarias o controle governamental praticamente não existia e apenas a Igreja Católica tinha certo poder. Com o passar do tempo, as casas do município foram se aglomerando ao redor da capela e formando a aldeia de São Gonçalo. Através dos anos a região recebeu diversos vigários, que contribuíram para o desenvolvimento do município e a propagação da fé católica, promovendo o nascimento e desenvolvimento da cidade nas proximidades de onde está hoje a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante.

Na primeira metade do século XX, a cidade passou por um fortuito processo de industrialização, com a instalação de diversas indústrias na orla da Baía de Guanabara. Eram fábricas de produção de cimento, metalurgia, química, conservas e cerâmica. Esse crescimento industrial gonçalense trouxe notoriedade para o município, recebendo pelo governo de Getúlio Vargas a atribuição de “*Manchester Fluminense*” (GEIGER, 1956) em referência à cidade inglesa, famosa pela sua pujante indústria.

O processo de industrialização, construído de forma “espontânea” pelo setor privado, começou a dar os primeiros sinais de decadência industrial na década de 1970. Entre as causas apontadas está a negligência da ação estatal no município nas três esferas: precariedade da infraestrutura, pela escolha de outras regiões fluminenses para abrigar investimentos estatais de maior fôlego e o deslocamento do dinamismo industrial do Estado para essas regiões fluminenses (BRAGA, 2006).

⁴ A Capela, hoje Matriz de São Gonçalo D’Amarante (de Amarante). Como toda Matriz, originou-se de uma capela, depois tornou-se paróquia e finalmente matriz (BRAGA, 2006, p. 94).

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

A partir de 1974, com o término da construção da Ponte Costa Silva, popularmente conhecida como “Ponte Rio-Niterói”, que passou a ligar por via rodoviária a capital fluminense à região Leste Fluminense. São Gonçalo passou por um vertiginoso crescimento populacional, tornando-se a segunda cidade mais populosa do Estado do Rio de Janeiro e entre as 20 mais populosas do Brasil.

Já nas décadas de 1980 e 1990 o contexto nacional passava por crises econômicas severas. Os “anos 80” ficaram conhecidos como a “Década Perdida”, trazendo o fim da Ditadura Civil Militar Empresarial (1964-1985), com uma inflação galopante, o crescente desemprego, o aumento do custo de vida e o veloz processo de desindustrialização. Tais sintomas econômicos permaneceram com força ainda na década de 1990, promovendo um cenário desolador para a segmentos mais pobre, o que não foi diferente com a população gonçalense.

Tendo como base a naturalização do catolicismo na esfera pública e a decadência socioeconômica do município, entre outros fatores, as igrejas pentecostais encontram em São Gonçalo um campo propício para expandir suas influencias e tentativas de oferecer aos indivíduos marginalizados pelo Estado “redes e laços de proteção” (CUNHA, 2009). Uma vez que o pentecostalismo fornece aos indivíduos que não são assistidos pelo Estado acesso a alguns serviços, como qualificação profissional e assistência médica, além de fazer com que esses se sintam pertencentes a uma “comunidade de irmãos”.

Nesse cenário de privações e dificuldades - econômicas e sociais-, as igrejas pentecostais de São Gonçalo passaram a se destacar nas localidades a partir da promoção de práticas assistenciais, programas de alfabetização, postos de atendimento de saúde e outros. Essas denominações passaram a expandir, aos poucos, suas influencias e protagonismos para o ambiente eleitoral do município.

Em 1994, a pesquisa “Novo Nascimento”, do Instituto de Estudos da Religião (ISER), destacava o crescimento da participação política feminina advinda das igrejas pentecostais do Rio de Janeiro. Segundo o estudo, as mulheres, em alguns municípios fluminenses, chegavam a representar 80% dos fiéis da IURD. Porém, os dados não evidenciavam diferenças significativas entre as propostas e as estratégias políticas adotadas pelas candidaturas femininas e masculinas para o Legislativo. No entanto, a pesquisa destaca que, os evangélicos, de um modo geral, priorizam as questões religiosas e expressam certo corporativismo em relação ao seu segmento religioso. Pouquíssimas foram as propostas direcionadas ao setor feminino (MACHADO, 2006, p.64).

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Em contrapartida, no ano de 2003, a Comissão de Direitos da Mulher da ALERJ (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro) tinha como integrantes as deputadas estaduais: Andreia Zito, Edna Rodrigues, Jurema Batista e Aparecida. Esta última também integrou as seguintes comissões: Indicações Legislativas; Agricultura, Pecuária; Política Rural e Agrária; e Pesquisa. As parlamentares, embora tenham apresentado um total de vinte e oito projetos de lei e aprovado seis leis, não elaboraram, no período correspondente, nenhuma proposta direcionada às mulheres (MACHADO, 2006, p. 141). Para a autora, é significativo o fato de que foi justamente Jurema Batista, convertida ao evangelismo depois de ter iniciado sua trajetória no associativismo civil e na política partidária, a parlamentar evangélica que no primeiro ano de mandato trabalhou na ALERJ temas relacionados com as mulheres.

Devemos observar que, mesmo agindo com corporativismo religioso, as mulheres de determinados segmentos pentecostais estão alargando a participação política e ajudando a eleger representantes de suas denominações, mas quando eleitas, reproduzem a hierarquia da esfera religiosa nos espaços públicos.

Quando examinada a votação atribuída aos evangélicos na Câmara Municipal do Rio de Janeiro no ano de 2000, percebe-se que 35% dos votos foram para as candidaturas femininas (MACHADO, 2006, p. 56). O pesquisador Almeida (1999) revela que na década de 1990 havia duas mulheres para cada homem entre os evangélicos do Grande Rio, proporção esta que se mantém ao longo dos anos. Para Fernandes (1998), se os evangélicos estão crescendo em grandes números, isto se deve, sobretudo, à participação feminina.

Diante do contexto nacional de alargamento de candidaturas femininas, Aparecida Panisset ganhou as eleições municipais para o cargo máximo do executivo da cidade por dois mandatos seguidos (2005 – 2012). As ações de Aparecida frente à prefeitura de São Gonçalo durante a primeira década dos anos de 2000 se destacam ao expor a relação entre religiosidade e esfera pública municipal.

As intervenções religiosas de Aparecida Panisset evidenciam como as práticas ideológicas do pentecostalismo não se restringem aos templos, mas se espraiam por diferentes esferas da vida social e política, onde os religiosos parecem não ter alternativa senão prosseguir nas linhas de frente dessa guerra espiritual contra o “diabo” (MARIANO, 2004, p. 124) e seus representantes na terra ou demônios, que se disfarçam de divindades pertencentes ao “panteão afro-brasileiro” (SILVA, 2005, p. 151) (AGUIAR, 2022).

Aparecida Panisset: “A prefeita que adora uma Guerra Santa”

Maria Aparecida Panisset nasceu em 1947, na cidade do Rio de Janeiro. Se converteu ao cristianismo aos 12 anos, na Igreja Nova Vida da Cinelândia. Ainda adolescente, se mudou com sua família para o município de São Gonçalo, bairro Gradim. Entretanto sua página política nas redes sociais apresenta certa aproximação com representantes da Igreja da Graça, Assembleia de Deus, Igreja Universal, Igreja Presbiteriana Renovada e Igreja Batista Betel. Essas aproximações ocorrem para indicar candidatos a cargos políticos e em festejos cujo intuito é a divulgação de projetos para a cidade.

Aparecida é graduada em história e atuou como professora da rede estadual de ensino até 1994, quando se tornou subsecretária de Educação também da rede estadual do Rio de Janeiro. Foi vereadora de São Gonçalo em duas legislaturas (1996 e 2001) pelo PDT (Partido Democrata Trabalhista) e deputada estadual (2002-2004), pelo PPB (Partido do Povo Brasileiro), e assumiu a prefeitura de São Gonçalo por dois mandatos seguidos (2005-2012)- inicialmente pelo PDT, mas logo depois de assumir o cargo, se filia ao PFL (Partido da Frente Liberal)⁵.

A então prefeita se intitulava “Lavoura de Saia” em referência à figura do ex-prefeito mencionado Joaquim Lavoura⁶ e suas atuações em obras públicas à frente do município de São Gonçalo. Durante a sua primeira campanha, em 2004, Aparecida adotou o discurso assistencialista e obteve 50.338 votos. Suas ações corroboram estudos sobre a atuação das parlamentares brasileiras com dedicação especial a projetos na chamada “área social”, como saúde, educação e assistência social (MACHADO, 2006, p. 133). Aparecida teve como símbolo a imagem de um tijolo⁷, simbolizando a proposta de reconstrução de São Gonçalo. À época, pequenos tijolos de borracha foram distribuídos nas ruas do município.

Durante a primeira campanha foi notório o desejo da candidata em se assemelhar à figura política de Joaquim Lavoura. A “Lavoura de Saia”, como se intitulava em suas páginas sociais, também entoava discursos de “grandeza à terra gonçalense” e de “progresso municipal”. Aparecida se apresentava para o público como uma personalidade trabalhadora e, principalmente, aquela que representava o povo evangélico. Mas foi principalmente através das constantes obras públicas, como iluminação, pintura de ruas e criação de praças, que

⁵ Em 28 de março de 2007 o PFL muda a sua legenda para DEM.

⁶ Joaquim Lavoura foi prefeito de São Gonçalo, eleito em três mandatos: 1954, 1962 e 1972 (BRAGA, 2006).

⁷ Sua campanha ficou marcada pelo “Tijolino”, brinde de um pequeno tijolo distribuído pelos seus cabos eleitorais. O brinde fez muito sucesso, especialmente entre as crianças.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Aparecida conquistou o eleitorado fora dos vínculos religiosos, garantindo assim a reeleição em 2008.

Segundo o Jornal Extra, Aparecida se apresenta quase como uma personagem bíblica quando fala de si por meio de parábolas. “Um dia” é o advérbio que ela usa a cada começo de versículo sobre uma passagem de sua vida. Aparecida afirma que foi a partir de uma conversa com Deus que criou o *slogan* “Reconstruindo São Gonçalo”, mas não tinha nada para fazer a reconstrução acontecer. Declarava ser “uma gota no oceano” e classificava a sua campanha como “modestas” caminhadas, em que os correligionários eram alimentados “a banana e água”.

Aparecida fazia constante uso da produção musical gospel durante os eventos políticos, como na cerimônia de retorno à filiação do PDT, em 2007, onde contou com a participação da missionária Flordelis, que cantou hinos evangélicos de gratidão a Deus por aquele momento⁸. A aproximação entre a cantora Flordelis⁹ e Aparecida evidencia como os personagens políticos utilizam a indústria gospel para a promoção de suas ações e a afirmação da sua identidade religiosa diante dos demais candidatos. Essa identidade religiosa também é enfatizada pelos objetos pessoais que ornamentam a figura de Aparecida. A ex-prefeita usava um anel talhado com a inscrição em hebraico “eu sou do meu amado, meu amado é meu”. Solteira, Aparecida afirmava ter se casado com a prefeitura. Subiu ao altar no dia em que tomou posse no Executivo.

Na reeleição em 2008, o discurso de vitória de Aparecida destacava o quanto o povo evangélico a ajudou na “guerra” contra os demais candidatos e a importante participação dos pastores ao mobilizar e cativar eleitores:

Deus no deu a vitória e queremos continuar a trabalhar. Teve alguns que desafiaram Deus. Teve um, que escreveu no laptop, que foi autor desse jornal... Disse que ia “fazer e acontecer”... e que não adiantava nem Deus. E nem pastores. E quando ele disse que não adiantava Deus, eu fiquei muito tranquila porque ele não estava desafiando Aparecida Panisset. E quem desafia Deus, cabe a ele resolver. E Deus resolveu, por uma mulher. E eu primeiro agradei a Deus. Continuo reconhecendo que eu não estaria aqui, não teria essa grande multidão se não fosse Deus. Houve novamente um milagre em São Gonçalo. Deus fez outro milagre. E eu quero agradecer a

⁸ *Prefeita se filia ao PDT com uma grande festa popular no Mauá*. Prefeitura Municipal de São Gonçalo. Disponível em: <http://www.pmsg.rj.gov.br/imprime.php?cod=843>. Acesso em: 10 maio 2017.

⁹ Flordelis dos Santos Souza é uma cantora, pastora e ex-deputada federal. Ganhou fama devido a ter adotado dezenas de filhos e sua história chegou a ser retratada em uma cinebiografia “Basta uma palavra para mudar”, lançado em 2009. Além de sua carreira como cantora gospel, ela também fundou o Ministério Flordelis, uma igreja evangélica em São Gonçalo que reunia milhares de fieis. Em 2018 foi eleita deputada-federal pelo Solidariedade.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

todos, a todos os candidatos, eu quero parabenizar e agradecer a Deus, a todos que foram eleitos. [...] Não se ganha a guerra sem bons soldados. Você já viu general, coronel, ganhar a guerra sem bons soldados?! É meio difícil! Eles sozinhos na guerra, sem soldados?! [...] Quem ganha a guerra são os soldados. Por isso eu amo tanto o povo. Eu só tenho o meu voto. É único. E olha quantos votos aqui! São os votos de vocês com tantos outros que não estão aqui que nos fizeram ganhar a eleição. A gente não ganha a guerra sozinho, por isso eu quero agradecer a todos os nossos pastores que estão aqui presentes, que oraram e trabalharam por nós [...]. (DISCURSO, 2008, s./p.)

Logo depois de vencer as eleições, em 2009, Aparecida realizou uma cerimônia para assinatura de convênio entre o Sindicato das Empresas de Prestação de Serviços das Atividades Petrolíferas Interestaduais (SEPSAP), o governo Estadual e Federal. Representando o governo Estadual estava presente a histórica petista Benedita da Silva, pois ela ocupava o cargo de secretária de Estado de Assistência Social durante a gestão do ex-governador Sergio Cabral. Além dos representantes do governo, no palco se destacavam as figuras do reverendo Isaias dos Santos Maciel e dos Pastores Paulo de Tarço e Sancler.

Na abertura do evento, Aparecida cumprimentou o Pastor Isaias Maciel afirmando que ao reverenciá-lo ela fazia o mesmo com todo o público presente, uma vez que este representava a história evangélica e a credibilidade dos evangélicos. Já Benedita da Silva, em seu discurso, fez questão de ressaltar que não é cristã, é evangélica, e que se faz necessário agradecer a Deus pela oportunidade que é dada.

Assim como Aparecida, Benedita da Silva reverenciou a figura do Pastor Isaias Maciel e sua experiência no atendimento social, demonstrando o quanto a presença das lideranças religiosas faz-se importante nos espaços vazios das associações e organizações não governamentais (clubes e serviços) que estavam a serviço do treinamento destinado a atividade petrolífera para a qualificação de trabalhadores do município.

É importante sinalizar que o fenômeno de evangélicos na política nos últimos anos tem uma potência que atravessa os campos ideológicos. Apesar de parte considerável da pauta dos parlamentares evangélicos estar associada ao conservadorismo e ao espectro político de direita. Temos figuras políticas evangélicas como Benedita da Silva, fundadora e membro histórico do Partido dos Trabalhadores e Jurema Batista, também do mesmo partido político. O que revela a presença de lideranças políticas evangélicas em distintos campos políticos¹⁰.

¹⁰ Na atual legislatura (2020-2024) da Câmara Municipal de São Gonçalo o Partido dos Trabalhadores elegeu a vereadora Priscila Canedo, que é evangélica. Mesmo com uma conjuntura polarizada e que nos últimos anos parte significativa dos votos dos evangélicos foram direcionados aos políticos de direita ou extrema-direita. A

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Segundo Pedro Martins¹¹, ao mesmo tempo em que Aparecida “atacava” os terreiros, ela liderava encontros e conferências sobre igualdade racial falando “em nome de Jesus”. Pedro afirma que, muitas casas de axé do município de São Gonçalo, por não serem legalizadas, tinham medo de sofrerem repressão maior que o preconceito diário que recebiam historicamente, podendo resultar na expulsão e depredação de seus terrenos.

Pedro Martins aponta como o governo de Aparecida tratou de medidas que favoreceram as denominações cristãs, como a Lei Municipal nº 29/200543, que legaliza a Marcha para Jesus, tornando-a patrimônio público e viabilizando financiamentos municipais a esse evento. E, por outro lado, destruiu a conhecida Praça Chico Mendes para a construção de uma área voltada para a religião cristã, denominada informalmente por Aparecida como Praça da Bíblia¹².

Durante as aparições públicas de Aparecida como representante do cargo máximo do executivo municipal, os pastores ficaram posicionados no palco à frente de outros representantes políticos e sindicais. Consequentemente, em seu governo, a desigualdade estrutural histórica entre as denominações religiosas na participação da esfera pública municipal se mostrou evidente. As lideranças de terreiro acusam Aparecida de criar barreiras para aprovação dos projetos e institucionalização das casas de axé, dificultando a aplicação da antiga Lei Federal Nº 3.193 que isenta o lançamento de impostos sobre templos de qualquer culto. Ações essas que causaram reações das lideranças de terreiro do município, a ponto de criarem associações com iniciativas de proteção de um espaço vital aos seus ritos: o terreiro.

Em 2011, período final do segundo mandato (2008-2012), a ex-prefeita foi acusada de mais uma ação de intolerância religiosa (AGUIAR, 2018). A casa histórica, que pertenceu ao líder religioso, considerado por alguns umbandistas¹³ o fundador da Umbanda, Zélio Fernandino de Moraes¹⁴, foi demolida (AGUIAR, 2022). A Tenda fundada por Zélio - Tenda Nossa Senhora da Piedade - é considerada por algumas lideranças afrorreligiosas a sede do

eleição de Priscila Canedo aponta que o voto como a presença de políticos evangélicos continua ampla, atravessando as diversidades ideológicas.

¹¹ MARTINS, Pedro. *Entrevista II* [2020]. Entrevistador: Camilla Fogaça. São Gonçalo, 28 de agosto 2020. 1 arquivo mp3 (2h:39min:4s).

¹² Segundo o Jornal Extra, o informe sobre a construção da Praça da Bíblia descreve o local como “um espaço destinado para todas as religiões, desde que sejam cristãs”, notoriamente excluindo da representação espacial da cidade outras denominações, como as religiões afro-brasileiras.

¹³ Segundo Giumbelli (2002), o mito de origem da umbanda a partir de Zélio Fernandino de Moraes não é unânime, e sua centralidade em Zélio é uma construção posterior ao início da década de 1960.

¹⁴ Zélio Bernardino de Moraes é apontado por diversas lideranças religiosas de São Gonçalo como o fundador da Umbanda nas primeiras décadas do século XX. Ele foi responsável por fundar o centro de umbanda “Tenda Nossa Senhora da Piedade” que funcionou durante alguns anos no bairro de Neves, em São Gonçalo.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

primeiro terreiro de Umbanda do Brasil e a origem da umbanda no mundo, sendo a partir dela formada as sete linhas da umbanda e, conseqüentemente, sua diáspora para o mundo.

Lideranças de Umbanda e Candomblé buscaram intervir em diversos órgãos públicos e também acionando autoridades competentes para evitar a demolição do patrimônio histórico. Mas o intento não obteve sucesso, a casa foi demolida e com ela parte da história da Umbanda. Diversas lideranças acusam Aparecida Panisset de racismo religioso por não ter movido esforços para tombar a residência ou tomar outra medida para evitar a demolição.

Em contrapartida, a Festa de Iemanjá, organizada por Márcia D'Oxum, é reconhecida por certas lideranças afroreligiosas do município, como um marco para São Gonçalo, pois concede visibilidade as religiões afro-brasileiras. Essas lideranças também apontam o poder político e religioso de Márcia D'Oxum como a persona que, mesmo diante de contexto de ataques a sua religiosidade e dificuldade de comunicação com a então prefeita Aparecida, foi capaz de elaborar o festejo a Iemanjá, também como uma ferramenta de articulação entre os terreiros do município e resistência política territorial.

Marcia D'Oxum: “Se a chuva cair sobre um dos meus amigos, todos ficam molhados”¹⁵

Nesse contexto de crescimento pentecostal na burocracia municipal e da intolerância religiosa contra o povo de axé, Marcia D'Oxum lidera diversos projetos objetivando defender a legalidade dos espaços religiosos, capacitação política e resistência cultural. Mãe Márcia, como é chamada pelos filhos e amigos, é a figura mais potente das religiões afro-brasileiras na cidade de São Gonçalo nos últimos 20 anos.

Sobre o comando de Márcia D'Oxum, algumas lideranças de terreiro da cidade se articulam perante a Associação das Casas das Axé do Município de São Gonçalo, cujo objetivo principal é fazer o Presente de Iemanjá¹⁶ na Praia das Pedrinhas um importante evento político-religioso. Com isso os terreiros participantes visam tirar os terreiros da invisibilidade e propor união contra a intolerância municipal, promovendo a cultura afro-brasileira a partir da celebração de uma data comum entre as casas de axé.

¹⁵ O título deste segmento foi proferido por Márcia D'Oxum durante uma das entrevistas e também pode ser encontrado nas suas redes sociais. A frase é constantemente usada pela mãe de santo para ilustrar a união dos terreiros frente aos problemas encontrados no município de São Gonçalo e faz alusão às alianças consolidadas entre algumas lideranças de terreiro que formam a Associação das Casas de Axé do Município de São Gonçalo.

¹⁶ No Brasil, Iemanjá é orixá do mar, considerada mãe de todos os orixás, representando a gestação e procriação, a divindade que cuida do ori (cabeça) dos seus filhos e também das divindades. Para esses povos, preservar o culto a essa divindade é manter viva a ancestralidade, trazer união entre os povos e equilíbrio para que o ori não se perca nas guerras travadas no dia a dia (AGUIAR, 2022, p. 15)

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Segundo Márcia D'Oxum, o seu terreiro de candomblé, *Ilê Omidayê*, conta com quase quatrocentos membros, entre filhos de santo e frequentadores regulares, sendo a maior parte do público formada por jovens que cursam ensino superior. A ialorixá apresenta o seu espaço religioso como uma janela dourada (referência às cores de Oxum) que possibilita ao público jovem observar e conhecer o universo cultural da religião afro-brasileira dentro de um dos municípios mais pentecostais do Brasil.

Com o objetivo de ser vista como polo de preservação das religiões de matrizes africanas e fazer com que o *Ilê Omidayê* seja aceito pelos demais como ponto de cultura afro-brasileira, Márcia D'Oxum desenvolve no local diversos encontros, reuniões, conversas, projetos sociais e culturais. Essas articulações atraem tanto o público religioso como o acadêmico, interessados na constante presença e protagonismo da ialorixá nos eventos religiosos do município.

Márcia D'Oxum é casada, mãe de dois filhos e avó de três netos. Dentro e fora do seu *Ilê Omidayê* ela se apresenta como Márcia D'Oxum, incorporando oficialmente a nomenclatura de Terreiro. Nas redes sociais, se descreve: “mulher, brasileira, negra, apaixonada pelo candomblé e todo o Movimento Negro que foi preservado no interior das Matrizes Africanas, ativista contra o racismo, preconceito de qualquer instância e intolerância religiosa”. Esses posicionamentos políticos estão conectados aos significados que Márcia D'Oxum atribui a Oxum. A divindade é citada pela mãe de santo como representante do “poder feminino”, “a água do mundo” e “a mais importante mulher da sociedade”.

Nesses discursos e narrativas as características ressaltadas sobre Oxum aparecem intrínsecas à sua identidade. Porém os arquétipos de personalidade das pessoas não são rígidos e uniformes, pois existem nuances provenientes da diversidade de qualidades atribuídas a cada orixá. Segundo Verger (1981), Oxum, por exemplo, pode ser guerreira, sedutora ou maternal. Dessa forma Márcia D'Oxum pretende se aproximar das características de Oxum ao se apresentar como uma líder matriarcal “que luta, ama, sonha, cria e resiste”.

Márcia D'Oxum também evidencia como a imagem do feminino pode ser permeada de sabedoria, força e independência. A líder religiosa nos mostra como as “mães negras” são capazes de pôr fim à imagem de “mulher negra” submissa formada a partir das relações de gênero construídas desde a colonização do Brasil e que se encontra incorporada ao imaginário popular. Tal como evidenciam os jornais de Salvador no final do século XIX, quando as mães de santo eram retratadas como lideranças religiosas que se articulavam com políticos e

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

intelectuais, contrapondo-se à imagem da mulher branca, que era associada a produtos farmacêuticos, ou à do homem negro, retratado como “feiticeiro” ou criminoso.

Já no século XX, as mães de santo do candomblé precisaram buscar alianças para o resgate, manutenção e respeito às suas práticas religiosas (BIRMAN, 2005). Ao colocar em destaque sua força feminina nos terreiros e irmandades, as mulheres de origem africana influenciaram e continuam a influenciar na construção da identidade de gênero, fortalecem as práticas religiosas e ampliam a sociabilidade da matriz africana na sociedade. Assim, Márcia D’Oxum busca legitimidade nas características de Oxum, representações do poder das mulheres na terra. A partir da Festa de Iemanjá, a ialorixá constrói alianças políticas com os terreiros de São Gonçalo e lidera essas lideranças do axé contra as ações de intolerância religiosa.

A Festa de Iemanjá em São Gonçalo acontece todo dia 2 de fevereiro; caso a data colida com o carnaval, é comemorada na última semana de janeiro. A festa é realizada na Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo, devido à proximidade com a Rodovia Federal BR-101 e a disponibilidade de estacionamentos na orla, facilitando o acesso para os participantes. Segundo Márcia D’Oxum, esse dia foi escolhido para fazer menção à data dos festejos a Iemanjá na Bahia.

Eu tenho um vínculo baiano e dois de fevereiro é considerado o Dia de Iemanjá. Na Bahia é feriado e aqui não e eu optei por aqui, na praia das pedrinhas. Isso aqui é a minha praia, eu moro quatro ou cinco ruas daqui. E tem a BR-101, quem vem a pé desce aqui e quem vem de carro tem onde parar, então é de fácil acesso. A gente faz o evento de oito às seis da tarde. (MARCIA D’OXUM, 2018, s.p.).

A Festa de Iemanjá é desenvolvida por Márcia D’Oxum para fortalecer a sua imagem religiosa perante as outras casas, uma vez que todos os preparativos e toda organização acontecem no seu barracão, sob a sua vigilância ou dos seus filhos mais próximos. Evidenciando o seu poder religioso, já que a ialorixá, com muito empenho e persuasão, conta com algumas autoridades políticas, vinculadas à prefeitura de São Gonçalo, no festejo, além de subirem ao palanque para discursar em prol da maior participação e “união das religiões afro” e o poder público municipal.

Esse episódio de participação política municipal na Festa de Iemanjá vem se repetindo e se consolidando através dos anos, exceto no governo de Aparecida Panisset. Segundo Márcia D’Oxum não existia diálogo entre a prefeita e as lideranças afro-religiosas. Para a ialorixá, durante essa gestão, a população afro-brasileira do município de São Gonçalo

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

experimentou de forma mais evidente o “racismo institucional”, uma vez que as ruas onde tinha terreiros não eram pavimentadas, limpas ou tinham seus lixos recolhidos. Segundo Silvio de Almeida (2018) o racismo institucional pode ser definido:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (ALMEIDA, 2018, p. 34-35).

Ao mesmo tempo em que desenvolve o axé, os terreiros de São Gonçalo elaboram as próprias invenções políticas e culturais africanas de resistência, tornando muitas vezes a análise da concepção religiosa inseparável da sua realidade histórica de combate ao racismo. As “alianças” (MAUSS, 2003) estabelecidas entre os terreiros por Marcia D’Oxum têm por objetivo manter a sobrevivência da religião afro-brasileira frente às incursões de intolerância religiosa durante o governo de Aparecida.

Dessa forma se algum problema, como as desapropriações iniciadas pela Aparecida, afetar uma das casas, todas serão afetadas, pois as demais sobrevivências também estarão ameaçadas. Mas as alianças construídas contra um inimigo comum não excluem as rivalidades e antagonismos existentes entre as casas de axé e reforçam o jogo dos “direitos e deveres” entre as lideranças que compõem a Associação.

No decorrer da pesquisa observamos que é através de festas, projetos, reuniões e ajudas políticas que as lideranças de axé do município de São Gonçalo estabelecem trocas voluntárias, como cursos, capacitações etc. Em contrapartida, a participação nesses eventos produzidos por Márcia D’Oxum se torna obrigatória para outras casas de axé. Assim a Festa de Iemanjá de São Gonçalo é interpretada como o ponto culminante das relações entre os pais de santo, uma vez que é o evento do município que reúne o maior quantitativo de terreiros de São Gonçalo e a escolha entre participar e como participar, ou não participar, pode traduzir diretamente a maneira como acontecem às relações políticas entre as lideranças de terreiros do município.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

As participações das lideranças de axé na Festa de Iemanjá, elaborada por Márcia D'Oxum, evidenciam que, apesar das desavenças entre elas, a Festa atua como um evento político para os terreiros de São Gonçalo contra as ações de intolerância religiosa empreendidas pela prefeitura do município. Essas lideranças de terreiro reforçam o ideal de união na política quando os conflitos religiosos com os pentecostais acontecem (MIRANDA; BONIOLO, 2017).

Márcia D'Oxum esclarece que o objetivo das suas ações é construir no seu terreiro um grande legado para o povo afro-brasileiro de São Gonçalo e tem como principal exemplo os projetos desenvolvidos por sua casa matriz, o Gantois da Bahia. Em 2002, o terreiro do Gantois foi considerado Área de Proteção Cultural e Paisagística pela Prefeitura Municipal de Salvador, devido ao seu destaque como um santuário de preservação e perpetuação da memória e tradição cultural da Bahia e do Brasil. Para Márcia D'Oxum, desenvolver projetos sociais é resultado do que aprendeu no Gantois da Bahia, visto que esse importante terreiro desenvolve, além da religiosidade, ação social, sustentabilidade e prestigiosos eventos.

A ascendência do terreiro do Gantois é um ponto que chama atenção na trajetória da liderança religiosa. Esse centenário terreiro de candomblé baiano teve um forte papel na luta contra o racismo religioso e a promoção do povo de terreiro na Bahia no século passado. Nesse sentido, Marcia D'Oxum traz na sua biografia um legado da luta pela igualdade e liberdade do povo de terreiro que tem origem nas atuações de Mãe Meninha do Gantois¹⁷, grande liderança de terreiro na Bahia e referência na luta do povo de terreiro. A ancestralidade configura um ativo importante na ancestralidade como na atuação política de Márcia D'Oxum.

O protagonismo político de Marcia D'Oxum não teve início a partir dos mandatos de Aparecida, contudo tem a partir deles um *turning point* (ponto de virada). Segundo a ialorixá, ao se deparar com um governo municipal que promovia o proselitismo religioso e consequentemente a produção de racismo religioso, cerceando a liberdade religiosa das religiões de matriz africana. Assim Marcia D'Oxum tomou a decisão de entrar de forma categórica na arena política.

Entrelaçando as observações sobre Aparecida Panisset e Marcia D'Oxum

¹⁷ Mãe Meninha do Gantois na década de 1970 foi uma liderança fundamental para que os terreiros de candomblé na Bahia não estivessem mais regulados pela Delegacia de Jogos e Costumes e suscetíveis a “batidas policiais”. A ialorixá também atuou na promoção de encontros inter-religiosos e para permissão da entrada de mulheres com roupas típicas de candomblé nas igrejas católicas.

A política no Brasil ainda é em grande parte hegemônica e protagonizada por homens. Nos últimos anos observa-se um crescimento das mulheres na política, porém muito aquém da população feminina brasileira. A guisa de exemplo às mulheres são 51% da população brasileira, mas no Congresso Nacional (Senado e Câmara de Deputados) elas ocupam aproximadamente 17% dos cargos políticos (CHADE, 2023). Nesse sentido, a ex-prefeita e a ialorixá têm em comum uma agência feminina que enfrenta o machismo, a misoginia e as desigualdade de gênero e se impõem como atrizes políticas relevantes e protagonista.

Se a agência feminina une as duas, os demais aspectos as colocam em lados opostos, principalmente no que tange à questão religiosa. Enquanto a ex-mandatária do executivo municipal construiu sua imagem como “prefeita evangélica” e promoveu ações de repressão, acionou o racismo religioso, a ialoirixá se notabilizou como polo de resistência a tais políticas, com a valorização e promoção do povo de terreiro na cidade de São Gonçalo com desdobramento em outras regiões do Estado do Rio de Janeiro.

Em comum novamente entre as duas lideranças políticas, a política como instrumento para conquista dos seus respectivos interesses. O fato de Mãe Márcia D’Oxum não ter ocupado um cargo eletivo não faz dela um ator político irrelevante na cidade. Pois desde o início dos anos 2000 ela tem atuado ativamente por diversos espaços políticos, junto de autoridades e também buscando eleger representantes no legislativo, como bem explícita a candidatura de sua filha carnal em 2022.

Já Aparecida Panisset é uma política de trajetória de sucesso, a primeira mulher a governar a cidade de São Gonçalo, já ocupou diversos cargos eletivos, tem uma busca de construção da imagem atrelada à sua dominação religiosa. E que quando ocupante de um cargo público, não mediu esforços para romper ou embaralhar as barreiras do Estado laico para colocar na ordem do dia ações repressivas contra as religiões afro-brasileiras.

Na luta política das personagens desse artigo chama a atenção a construção de espaços, festa inventadas ou agenciadas no campo religioso. Porém não apenas como marcas do sagrado, mas que trazem uma forte assinatura da atuação dos seus líderes. Tanto no caso da ialorixá, com o evento do Presente de Iemanjá e da Aparecida Panisset, com a construção da Praça da Bíblia. São ações que estão na chave analítica proposta pelos historiadores Eric Hobsbawn e Terence Ranger como: “ tradições inventadas”. Como define bem os historiadores: “[...] tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam a inculcar certos

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. [...] com um passado histórico apropriado” (HOSBAWM; RANGER 1997, p. 9).

Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1997) defendem que as tradições ao longo da história são inventadas e reinventadas, muitas vezes buscando-se eventos e narrativas do passado para justificar as mesmas. Doravante as duas personagens que analisamos moveram duros esforços e conseguiram fundar ou inventar tradições religiosas na cidade, colocando na agenda e no corpo da cidade rituais, festas e manifestações de cunho religioso que podem ser e devem ser olhadas também como ações políticas e agenciamentos,

Ambos os agenciamentos religiosos construíram eventos e espaços que são inovadores, são invenções de práticas, ritos e lugares na cidade de São Gonçalo, na esteira dos seus agenciamentos políticos e religiosos. A primeira conseguiu consolidar o dia 2 de fevereiro, quando é celebrado o dia da divindade Iemanjá, com a festa “Presente de Iemanjá”, que recebe recursos do poder público municipal e conta com a presença de vereadores e secretários municipais. O agenciamento afro religioso de Mãe Márcia D’Oxum fez com essa celebração tornasse uma referência e uma cidade, marcada por ataques as religiões de matriz africana. Uma tradição inventada, que tem fortemente atrelada a si a imagem da liderança religiosa.

Na mesma seara, a ex-prefeita criou a Praça da Bíblia, um local que a princípio se tornaria um espaço de reunião, pregações e culto dos evangélicos na cidade. Tal iniciativa foi encaminhada por ela, apesar das críticas de que a obra fere o princípio constitucional da laicidade do Estado. A construção da praça de caráter evidentemente religioso está na esteira da construção da imagem de “prefeita evangélica”, que já tinha instituído a Marcha Para Jesus no município. Ao criar a Praça da Bíblia ela buscou fortalecer ainda mais sua imagem cristã, inventando uma nova tradição na cidade.

Os eventos ou festas elaboradas pelas lideranças políticas e religiosas são a materialização de um conflito político-religioso que tem a cidade de São Gonçalo como palco e política como instrumento. Ao agenciaram a “invenção das tradições”, em ambos os casos é o agenciamento atrelado à disputa pelo poder político da cidade. E também nos dois casos a disputa por aliados, financiamento estatal e autoridades

As duas mulheres, que são protagonistas de campos políticos e religiosos distinto, polarizam de forma assimétrica. São Gonçalo é considerada a cidade “mais evangélica do Brasil” e Aparecida já ocupou por duas vezes o cargo político mais importante da cidade. Se a

ex-prefeita produziu uma ofensiva para consolidar a fé evangélica como hegemônica fazendo largo uso de recursos estatais, Mãe Márcia D'Oxum, sem ocupar cargos eletivos, mas a partir da política, seja pressionando parlamentares e prefeitos promoveu uma contraofensiva, tornou-se em duas décadas uma atriz de grande espaço e poder na cidade.

Diferentemente da imagem política de Aparecida, que apresenta diversos exemplos de reverência aos pastores de sua congregação, seja concedendo honras a pastores, convidando para inaugurações de obras ou em demais atividades. Em 2010 o Instituto de Estudos da Religião (ISER) destacou o crescimento da participação política feminina advinda das igrejas pentecostais do Rio de Janeiro. Porém, os estudos não evidenciam diferenças significativas entre as propostas e as estratégias políticas adotadas pelas candidaturas femininas e masculinas para o Legislativo. Os evangélicos, de um modo geral, priorizam as questões religiosas e expressam certo corporativismo em relação ao seu segmento religioso. Pouquíssimas foram as propostas direcionadas ao setor feminino (MACHADO, 2006, p. 64).

Já com Marcia D'Oxum, ao colocar em destaque sua força feminina nos terreiros e irmandades, as mulheres de origem africana influenciaram e continuam a influenciar na construção da identidade de gênero, fortalecem as práticas religiosas e ampliam a sociabilidade da matriz africana na sociedade (BIRMAN, 2005). Assim, Márcia D'Oxum busca legitimidade nas características de Oxum representações do poder das mulheres na terra. Seu intuito será obter alianças políticas com os terreiros de São Gonçalo e liderar esses terreiros contra as ações de intolerância religiosa.

Todavia, Aparecida se vê como instrumento de uma divindade masculina, se apresentando como uma mulher escolhida para servir a vontade divindade de transformar São Gonçalo. Na reeleição em 2008, o discurso de vitória de Aparecida para a prefeitura de São Gonçalo afirmava que “Deus resolveu, por uma mulher” liderar a reconstrução de São Gonçalo. Desta forma, Aparecida destacava o quanto o povo evangélico ajudou uma mulher a liderar os evangélicos na “guerra” contra os demais candidatos e a importante participação dos pastores ao mobilizar e cativar eleitores.

No outro lado da batalha religiosa do município, Marcia D'Oxum discursava para o “povo de santo”, integrar o ciclo de festividades dedicado às iabás, ou seja, às divindades femininas cujo domínio natural são as águas, como Iemanjá, Oxum, Nanã e Iansã. Sendo Iemanjá “uma das deusas mais populares, não apenas por sua proximidade com o universo das festas populares, das canções, histórias literárias, mágicas, charges e campo artístico, mas

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

pelo modo em que tratar do seu imaginário nos remete aos vários espaços” que são associados a sua imagem (BAHIA, 2018, p. 178).

Na mitologia do candomblé, Iemanjá participa do grupo de orixás¹⁸ associados à criação, representando a figura da “grande mãe”, o princípio da fertilidade por excelência.. É dessa forma que Márcia D’Oxum se apresenta e se remete a Oxum para dar sentido a sua imagem de “grande mãe”, protetora e articuladora das religiões afro-brasileiras em São Gonçalo.

As duas simbolizam duas ideias diferentes de poder feminino. Márcia D’Oxum se apresenta e se remete aos orixás Oxum e a Iemanjá para dar sentido a sua imagem de “grande mãe”, protetora e articuladora das religiões afro-brasileiras em São Gonçalo. Márcia D’Oxum se coloca como aquela que deverá estar no centro dos acontecimentos, pois entre as lideranças do município ela é a única que se mostra capaz de lutar politicamente contra as intolerâncias religiosas que o “povo de santo” vem sofrendo.

Por outro lado, Aparecida aparece na guerra religiosa inspirada na ideia de um deus masculino, que a tornou instrumento de suas vontades e capacitada para agir perante os desejos dos pastores que lideram as igrejas pentecostais que estão na sua base de governo.

Considerações Finais

Assim como foi observado em São Gonçalo, há décadas está em curso no Brasil uma mudança no perfil do cristianismo, o fiel católico está se transferindo para a fé evangélica, com protagonismo das denominações pentecostais e implicações no campo afrorreligioso. Segundo o último censo do IBGE (2010), o número de católicos, que já foi de mais de 90%, ficou em 65%. Concomitante ao crescimento do número de fiéis evangélicos, está o aumento da participação pentecostal na política nacional, que é sentido desde as décadas de 1970 e 1980, indicando um crescimento vertiginoso nos anos 2000. Segundo Christina Queiroz (2019), nos últimos 30 anos, os evangélicos aumentaram a participação na vida pública transcendendo a fronteira da Igreja para ocupar espaços na mídia, na cultura e na política.

Nas eleições de 2020, houve um aumento de 34% no registro de candidatos que utilizam a designação de pastores e pastoras no nome que aparecerá nas urnas, incluindo siglas e abreviações (Iser, 2020). No pleito municipal deste período, o número de candidatos

¹⁸ Na concepção de Cacciatore (1988, p. 206), orixás são divindades intermediárias iorubanas, estão entre o Olórun (Deus Supremo), Oxalá (representante e filho de Olórun) e os homens. Muitos deles são antigos reis e rainhas ou heróis divinizados que representam as vibrações das forças da natureza.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

religiosos cresceu 26% em comparação a 2016, quando somavam 8.783 indivíduos. Os estados com maior proporção de candidaturas explicitamente evangélicas são; Pará, Rio de Janeiro e Goiás, com 72%, 42%, 37%, respectivamente, acima do registrado no restante do país.

Há um claro conflito nas duas primeiras décadas do ano 2000 entre duas grandes mulheres, na arena política e religiosa na cidade de São Gonçalo do Amarante. De um lado a política Aparecida, a “prefeita evangélica” que agenciou sua trajetória política por meio da alcunha “Lavoura de Saia” e pelo proselitismo evangélico consequentemente com ações prejudiciais contra as religiões de matriz africana. No campo antagônico a relação a tais políticas pública, Marcia D’ Oxum que liderou e ainda lidera o movimento de povo de Axé na resistência as políticas deletérias e na promoção e valorização do povo de terreiro gonçalense.

Já a trajetória política da ex-prefeita pode ser analisada a partir dos agenciamentos na construção da sua identidade e concomitantemente no imaginário social da população. Primeiro ela se notabilizou por ser uma política reconhecida por obras e grandes feitos na cidade, dessa maneira agenciando sua imagem como “Lavoura de Saia”. Acionando a memória dos cidadãos gonçalenses se auto relacionando com o prefeito Lavoura, considerado como grande político e prefeito da cidade. Uma prefeita que se coloca na história como realizadora de grandes feitos, obras e assistencialismo. A sua reeleição, em 2008, revela o quanto a construção dessa imagem foi bem-sucedida.

Uma segunda identidade agenciada por Aparecida é a de uma prefeita evangélica e cristã. Ao longo dos seus dois mandatos a frente da prefeitura ela buscou proximidade com figuras importantes e conhecidas do meio evangélico, sejam pastores, cantores, entre outros. Dessa forma, construiu uma imagem de “prefeita evangélica”, claramente sinalizando uma identidade política-religiosa para os eleitores de São Gonçalo, reconhecida como a “cidade mais evangélica” do Brasil.

A construção da imagem de “prefeita evangélica” tem como uma de suas facetas a “cruzada contra as religiões de matriz africana”, a produção de ações estatais deletérias contra as religiões afro-brasileiras, racismo institucional. Como defende Clara Mafra (2001), os evangélicos não configuram um bloco monolítico, unificado e homogêneo, dessa forma é um erro *crasso* afirmar que os evangélicos como um corpo único praticam racismo religioso. Entretanto, no estudo de caso da prefeita Aparecida, sua gestão como chefe do Executivo municipal tem como característica ímpar a produção de racismo religioso.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Esse crescimento pentecostal na política, como o protagonizado por Aparecida, também acarretou um aumento considerável de lideranças de terreiro que usam as suas nomenclaturas religiosas para concorrer aos cargos públicos em defesa da sua religiosidade e contra as intolerâncias e racismos religiosos sofridos. É diante desse contexto de crescimento pentecostal na política e aumento das intolerâncias religiosas contra o povo de axé, sentido principalmente no âmbito do município de São Gonçalo, que Marcia D'Oxum buscou e busca construir maiores articulações entre as lideranças de terreiro e construir novas formas de resistência.

Nas últimas duas décadas a ialorixá¹⁹ tornou-se a principal figura na luta contra o racismo religioso na cidade de São Gonçalo e uma das maiores do estado do Rio de Janeiro. Ela tem sido ativa nas passeatas, caminhadas pela liberdade religiosa, articulações, audiências públicas e demais atividades relativas à liberdade religiosa.

Sua ação política tem outros desdobramentos, tais como a candidatura da sua filha de santo e carnal Arethuzia Doria como deputada estadual, pelo partido Solidariedade, em 2022. Apesar de ser uma liderança de grande monta, da sua relevância na cidade, sua filha não conseguiu uma vaga como parlamentar estadual. Entretanto, tal iniciativa é uma das inúmeras ações na esteira da luta política protagonizada por Mãe Márcia e seus filhos de santos.

A filha carnal segue os passos da mãe tanto no caminho religioso como no caminho político. Arethuzia Doria é conselheira de políticas públicas culturais do estado do Rio de Janeiro e foi a coordenadora da criação do “Igbá”²⁰, um aplicativo para promoção, mapeamento e divulgação de eventos de manifestações negras tais como terreiros, rodas de capoeira, baianas do acarajé, entre outros. Demais ações políticas são tocadas de forma conjunta entre mãe e filha, configurando um relevante agenciamento político.

Sua militância como ativista política na cidade, a partir do agenciamento negro ou do agenciamento de axé, tem como característica inicial o enfrentamento contra a “prefeita evangélica” e suas políticas e ações racistas. A busca para impedir o avanço de políticas duras contra as religiões de matriz africanas, no período de 2004 até 2012, concerne aos mandatos de Aparecida. Contudo, a luta política da ialorixá não se limitou ao enfrentamento com sua antagonista e permanece atuante no cenário político gonçalense.

¹⁹ “Yalorixá” ou “ialorixá” é a sacerdotisa dirigente de um terreiro de candomblé (CACCIATORE, 1988, p. 143).

²⁰ Cuia (meia cabaça pintada) enfeitada com búzios unidos, pontas eriçadas, usada nos rituais periódicos de propiciação do *ori* (o eu psíquico do indivíduo) e seu duplo *emi* (espírito, alma imortal). (CACCIATORE, 1988, p. 147)

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Tanto Aparecida Panisset quanto Marcia D'Oxum têm uma alteridade que está presente no Brasil, a partir do crescimento e ascensão dos evangélicos. O crescimento de adeptos das religiões evangélicas está diretamente ligado a um aumento dos casos de intolerância religiosa (BORTOLETO, 2014). Nesse sentido a alteridade que está posta é de um movimento de avanço da hegemonia e do “fazer cidade” pelo agenciamento evangélico no governo de Aparecida. E em reação ou em luta por resistência o agenciamento afro religioso de Mãe Márcia D'Oxum.

O conflito entre Marcia D'Oxum e Aparecida não é equânime, já que a segunda gozou por muitos anos do poder municipal e com amplos poderes para impor sua agenda política. Contudo, a desigualdade de poder não reduz os feitos da ialorixá, que tem há anos buscado lutar contra o racismo religioso e o racismo institucional e se coloca como principal defensora do povo de axé na cidade. O conflito está posto, mas não encerrado, a segundo maior cidade fluminense continua na contemporaneidade sendo palco desse conflito religioso e político protagonizada por essas duas figuras femininas proeminentes.

Referências

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALMEIDA, R. de. Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 40, p. 175–178, jun. 1999.

AGUIAR, C. F. **Deus abençoe São Gonçalo!**: uma prefeita na linha de frente da Guerra Santa. 2018. 135f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

AGUIAR, C. F. **“Minha cabeça me salva ou me perde”**: povos de terreiro na guerra religiosa. Curitiba: Appris, 2022.

BAHIA, J. O Rio de Iemanjá: uma cidade e seus rituais. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano X, n. 30, p.77-215, jan./abr. 2018.

BIRMAN, P. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 403-414, ago. 2005.

BORTOLETO, M. **Não Viemos para fazer aliança**. Faces do conflito entre adeptos das religiões pentecostais e afro-brasileiras. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BRAGA, M. N. C. **O município de São Gonçalo e sua história**. Niteroi: Nitpress, 2006.

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros**. Forense Universitária, 1988.

Notandum, ano XXVI, 2023
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

CAMURÇA, M.; RODRIGUES, o. da S. O debate acerca das noções de “intolerância religiosa” e “racismo religioso” para a compreensão da violência contra as religiões afro-brasileiras. **Revista OQ**, n. 6, jan. 2022.

DISCURSO de comemoração da vitória de Aparecida Panisset nas eleições de 2009, 7 out. 2008. 1 vídeo (4 min 16 s). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=mjeOZ8enU8E&t=5s>. Acesso em: 16 maio 2018.

EVANGELISTA, A. C. (CEO). **Religião e Poder**. ISER. Disponível em:
<https://religioepoder.org.br/sobre/#:~:text=Em%201994%2C%20o%20ISER%20desenvolve%20u,brasileira%20desencadeadas%20pelo%20crescimento%20evang%C3%A9lico>>. Acesso: set 2023.

FERNANDES, R. C. (Org.). **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA, M. de M. História do Tempo Presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, n.3, p.111-124, maio-jun. 2000.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Edição VX. São Paulo, 2021. ISSN 1983-7364.

GEIGER, P. P. *et al.* Urbanização e industrialização na orla oriental da Baía de Guanabara. **Revista Brasileira de Geografia - RBG**. Rio de Janeiro: IBGE, out./dez., 1956.

GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. da (Org.). **Caminhos da alma**: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em: 14 dez 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo amostra – população**. São Gonçalo. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em: 14 jun. 2023.

KERLLINGER, F. **Metodologia de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EPU, 1980.

MACHADO, M. das D. C. **Política e Religiões**: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MAFRA, C. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAGNANI, J. G. C. A etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, vol. 15, n. 32, Porto Alegre, jul./dez. 2009.

Notandum, ano XXVI, 2023
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

- MARCIA D'OXUM. **Entrevista I** [2018]. Entrevistador: Camilla Fogaça. São Gonçalo, 2018. 1 arquivo mp4 (60 min).
- MARIANO, R. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jun. 2003.
- MARIANO, R. Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, vol. 18, n. 52, São Paulo, set./dez. 2004.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac Naif, Col. Sociologia e Antropologia, 2003.
- MIRANDA, A. P. M. de; BONIOLO, R. M. Em público, é preciso se unir: conflitos, demandas e estratégias políticas entre religiosos de matriz afro-brasileira na cidade do Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 86-119, dez. 2017.
- MONTERO, P. Controvérsias Religiosas e Esfera Pública: Repensando as religiões como discurso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n.1, p. 167-183, 2012.
- ORO, A. P. Neopentecostais e Afro-Brasileiros: quem vencerá esta guerra? **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36, nov. 1997.
- QUEIROZ, C. O crescimento da fé evangélica. **Nexo**. 09 de dez de 2019. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica>. Acesso em: out. de 2023.
- REIS, D. A. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, 46(1), 2020. Disponível em: doi.org/10.15448/1980-864X.2020.1.36709. Acesso em: set. 2023.
- SANGENIS, L. F. C.; COSTA, G. A. Neo Pentecostalismo, Racismo religioso e Intolerância Religiosa: as religiões afro brasileiras nas páginas dos jornais. In: SANTOS, I; GINO, M. (Orgs.). **História Social da Intolerância Religiosa no Brasil**: desafios na contemporaneidade. [s.l.]: Kliné Editora, 2021, p. 1240- 1518. [E-book]
- SILVA, V. G. da. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p.150-175, set./nov. 2005.
- SIQUEIRA, J. J. **Entre Orfeu e Xangô**: a emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil (1944-1968). Rio de Janeiro: Pallas, 2006
- VERGER, P. F. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 1981.
- CUNHA, C. V. da. **Evangélicos em ação nas favelas cariocas**: um estudo sócio-antropológico sobre redes de proteção, tráfico de drogas e religião no complexo de Acari. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.